
- **TEXTO E DISCURSO I**

Coordenador(a): *Denise Gomes Leal da Cruz Pacheco*

A (RE)CONSTRUÇÃO DA MULHER EM "VEJA"

Maria Helena Velozo Camarotto (UNESP)

Sou leitora regular da revista VEJA, hábito que adquiri há mais de uma década. No início, VEJA representou o salto para fora dos limites de mim mesma. Depois, com a resistência de VEJA às adversidades políticas da época, a ditadura e a censura, (a)creditei em VEJA. Observei que nos anúncios em que as mulheres se sobressaiam eram citadas como coadjuvantes quase nunca

protagonistas - estavam sempre por trás de um grande homem. Nos últimos anos, diante de um mulherio cada vez mais atuante em todos os setores, os conceitos de mulher-companheira e mulher-mãe têm sido complementos constantes da mulher-trabalhadora, que tem dividido suas horas entre as obrigações com a família, a casa e o trabalho. A mulher companheira, que não anda mais atrás do grande homem, mas ao lado, quando não à frente. Diante deste novo perfil, passei a ver as publicações, em especial de VEJA, com outros olhos. Nos anúncios publicitários ou nas matérias em que, hoje, a mulher protagoniza, observo que toma corpo a versão 3º milênio de mulher: mais ativa social e politicamente, mais participante nas decisões "importantes", mais vibrante em suas atitudes e menos dependente da figura masculina. Junto com essas mudanças, como não poderia deixar de ser, surge um novo homem: mais companheiro; mais interessado na vida doméstica; mais pação e menos enérgico que outrora. É sinal dos tempos - nova era, quiçá: o núcleo familiar se altera.

Proponho-me a fazer uma releitura de algumas propagandas de VEJA em que a mulher é protagonista, evidenciando estas mudanças. Fundamento minhas análises na teoria semiótica greimasiana, segundo a qual a partir do texto constrói-se efeitos de sentido, recuperando-se também o contexto de sua produção, mas que evidencia que ele só é, significativamente completo, a partir da leitura ativada pela visão de mundo daquele que recebe a mensagem

AS FORMAS DO VERBO FICAR: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA ORDEM DA LÍNGUA

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia (UNIJUI)

A reflexão que aqui proponho visa pensar a prática de ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva discursiva, mais especificamente, a da AD de filiação à Escola Francesa. A escolha que faço diz respeito ao trabalho com as formas da língua, a partir de suas condições de produção, e por isso considerados os diferentes efeitos de sentido que elas fazem emergir. O recorte ora desenhado considera as formas do verbo ficar, apresentadas em um texto para público adolescente, no qual é tecido um jogo que, ao reconstituir via interdiscurso a memória do dizer dos escolares sobre o estudo do verbo, opera, de imediato, um deslize. A ruptura se dá porque, ao interpelar o leitor sobre sua afinidade com os estudos de gramática e em seguida anunciar que não é disso que vai se tratar, constitui-se no texto um lugar de identificação a partir de outros interesses peculiares do universo adolescente. O texto apresenta, após isso, as flexões modo-temporais do verbo ficar, atravessadas pelos sentidos em torno do que significa ser adolescente hoje, e, dialeticamente, como esses sentidos ressignificam as formas do referido verbo, legitimando algumas e refutando outras. Esse movimento, que se constitui a partir de um jogo com relação ao imaginário de ensino do verbo, trama um aparente distanciamento do objetivo de estudo das formas verbais, simulando uma brincadeira, com as marcas próprias dos jogos amorosos do adolescente contemporâneo. No entanto, em lhe conquistando a adesão, acaba por convidá-lo a uma reflexão em torno das referidas formas. A análise do modo como esses lugares são constituídos, ora de identificação, ora de desidentificação, e os modos como o interdiscurso tece o imaginário em torno da relação do adolescente com o estudo das estruturas da língua é, portanto, o objeto deste trabalho.

INTERDISCURSIVIDADE E EFEITOS DE SENTIDO EM UM PANFLETO DIRIGIDO AO PÚBLICO HOMOSSEXUAL MASCULINO

Lucília Saad Mamar (UNESP)

Nosso corpus específico é constituído por panfletos sobre sexo. A teoria que norteará a investigação será fundamentada na semiótica de A. J. Greimas.

O panfleto escolhido para ser apresentado é o do Cine República que destaca o enunciado Uma Noite na Bahia. Tanto o texto verbal como o visual implicam um enunciador dirigindo-se a um público consumidor masculino. O panfleto tem como cena enunciativa, na parte da frente, um homem nu, de costas, em uma praia ou ilha deserta. O homem está no canto direito e sua cabeça está direcionada para o lado direito, como se estivesse observando o infinito. Essa praia tem uma areia branca e a água do mar é limpa e verde. O céu é de um azul vivo e no horizonte há nuvens baixas, posicionadas de forma que não cobrem o sol. Há um coqueiro ao lado esquerdo do homem. A imagem é tão harmoniosa que a areia e a água do mar se confundem, chegando a parecer que uma é continuação da outra ou vice-versa. O homem é forte, musculoso, e sua pele está bronzeada. Essas figuras da cena enunciativa remetem-nos a algumas interpretações que podem caminhar da religiosidade ao hedonismo. O objetivo de nossa análise é demonstrar que o enunciatário, invocando o seu saber armazenado sobre o mundo, é capaz de detectar interdiscursividades presentes nesse panfleto e que, entendendo os efeitos de sentido construídos, identifica-se com eles e consome o produto oferecido.

LEITURAS DO HUMOR: A IRONIA NO DISCURSO JOCOSO DA COMÉDIA CORPORATIVA

Marcia de Mattos Sanches Macedo (PUC-SP)

Um estudo da ironia como um fenômeno de linguagem que se manifesta correntemente no discurso da imprensa brasileira. O presente trabalho tem por objetivo compreender como se engendra a ironia jocosa nas crônicas corporativas de Max Gueringher, na revista Exame. O procedimento irônico, muitas vezes, é construído de maneira a dialogar com linhas que se podem considerar as mais desenvolvidas, isto é, em que se concentram a maior parte dos trabalhos dentro dos estudos da ironia e do humor sob a perspectiva da Análise do Discurso francês.

O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: A INTERAÇÃO COM A DIVERSIDADE DISCURSIVA E A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS NA/PELA LINGUAGEM

Neiva Maria Tebaldi Gomes

Admitindo que a escola se constitui, de algum modo, como um espaço público no qual tanto se pode manter e sedimentar valores, como estabelecer o conflito/confronto de idéias, pretende-se refletir sobre a possibilidade de a ação pedagógica contribuir para transformar esse espaço escolar, em especial as aulas de Língua Portuguesa, em espaço de constituição de sujeitos na/pela linguagem, capazes de agir na sua singularidade, respeitando a pluralidade de pontos de vista. Constituir-se como sujeito na/pela linguagem, discurso tão em voga e de certa forma banalizado, representa a possibilidade de sujeitos-professores e sujeitos-alunos assumirem posições éticas e de se colocarem numa posição essencialmente dialética entre discurso e estrutura social. Dados parciais de uma pesquisa (em desenvolvimento ainda), na qual se investiga se a condição professor de língua portuguesa contribui favorável ou negativamente para a produção do texto escrito, serão utilizados para mostrar que o professor, inscrito em lugares já estabelecidos, e ainda submisso ao discurso da gramática normativa, quando exposto ao diálogo com outros discursos lingüísticos, começa a tomar consciência dessa submissão e a inquietar-se. As "queixas" e "angústias" reveladas nos textos dos docentes têm-se evidenciado fator propulsor na constituição de outro sujeito de linguagem. Assim, um caminho que parece apontar para uma escola transformadora vislumbra-se pela interação, tal como Bakhtin a entende. Um mergulho (de professores e alunos) na diversidade discursiva, acompanhado de práticas que privilegiem a formação de alunos críticos, conscientes do lugar que ocupam e de sua capacidade de inter-ação, seria a base de uma proposta de trabalho para as aulas de língua materna.

O ENUNCIADO "EU NÃO TENHO MEDO DA MUDANÇA" E SUA RELAÇÃO COM A MEMÓRIA DO DIZER

Ercília Ana Cazarin (UNIJUI)

A leitura, na perspectiva teórica a análise de discurso (AD), com filiação em Pêcheux, é concebida como processo de produção de sentidos, isto é, como um gesto de interpretação do sujeito que lê. A leitura é o momento crítico de uma relação entre autor / texto / leitor. Esse processo requer o reconhecimento de que o sujeito-leitor, o sujeito-autor são social e historicamente situados e de que os sentidos se produzem como gestos de interpretação. O sujeito-leitor não reconhece sentidos, não preenche lacunas, e sim, inscrito em uma posição-sujeito que o afeta, instaura seu próprio trabalho discursivo, atribuindo sentidos que não necessariamente são aqueles esperados pelo sujeito-autor. Tendo esses pressupostos como base, realizo um exercício de leitura do enunciado EU NÃO TENHO MEDO DA MUDANÇA, proferido pela atriz Carmem Silva em outubro/2004 no horário eleitoral gratuito, segundo turno da campanha para eleição do prefeito de Porto Alegre. O referido enunciado foi veiculado no programa da frente Muda Porto Alegre a qual tinha José Fogaça como candidato. Para a leitura do mesmo, em especial, valho-me de duas noções: a de língua e a de interpretação. A primeira delas, em AD, serve de base para que o discurso ocorra e pressupõe um sujeito que enuncia não na sua individualidade, e sim afetado pelo inconsciente e pela ideologia. A interpretação, entendida como gesto, remete à memória do dizer, ou seja, ao interdiscurso que, uma vez acionado, possibilita que se produzam uns e não outros sentidos. Importa, então, no processo de leitura, compreender como o discurso funciona e, ao funcionar de uma maneira e não de outra, que efeitos de sentido pode produzir.

OS BILHETINHOS COMO MANIFESTAÇÃO DISCURSIVA DE RESISTÊNCIA

Denise Gomes Leal da Cruz Pacheco (UFRJ)

Os espaços discursivos de interlocução, em que deveria haver cooperação entre as instâncias enunciativas, como fruto de um contrato de comunicação firmado entre si, o que ocorre muitas vezes é a monolocalização, exigindo por parte da instância enunciativa destinatária a adoção de estratégias de resistência como burla às regras desse contrato. Aparentemente os participantes "aceitam" as convenções discursivas determinadas pelas leis do discurso, naquela situação comunicativa, as quais obrigam os "interlocutores" a se inscreverem na relação, segundo os rituais de abordagem que definem as regras de polidez. Mas essa inscrição muitas vezes não se efetiva de fato, já que são adotadas estratégias de resistência - a escrita de bilhetinhos - conversa escrita que trocam entre si os destinatários em situações de comunicação específicas como aulas, conferências, reuniões de trabalho, em que o espaço para a interlocução foi /é cerceado. Os bilhetinhos instauram a concretização de uma conversa paralela silenciosa, na qual as vozes abafadas na aparente situação de interlocução se fazem "audíveis"- uma "conversa" abafada, camuflada, mas que se caracteriza como importantíssima manifestação discursiva. O presente trabalho procura analisar, com o suporte teórico da semiolinguística discursiva (Charradeau e Maingueneau) e dos contratos de comunicação, os bilhetinhos que trocam entre si os alunos durante as aulas, como estratégias de resistência, evidenciando como este espaço riquíssimo de revelação do universo linguístico-cultural dos alunos ainda não foi devidamente estudado.

PROGRESSÃO TEXTUAL E INTERLOCUÇÃO DISCURSIVA

Luciana Salgado (UNICAMP)

Ao aproximar dois campos de estudos linguísticos, a Análise do Discurso e a Linguística Textual, ambos interdisciplinares na sua origem, procuro discutir interdisciplinarmente a condição de sujeito, com base em dados de progressão textual (nos termos da LT) tecida em interlocuções discursivas (nos termos da AD).